

TERMOS DE PARENTESCO EM PARKATÊJÊ

Tereza Tayná Coutinho LOPES
Marília de Nazaré de O. FERREIRA (Orientadora)
Universidade Federal do Pará – UFPA
terezatayna1@gmail.com
mariliaferreira1@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar aspectos relacionados ao sistema de parentesco do povo Parkatêjê, também conhecido na literatura especializada como Gavião do Pará, que vive em uma aldeia na Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM), localizada no km 30 da BR-222, às proximidades do município de Bom Jesus de Tocantins. Os sistemas de parentesco, de um modo geral, são estruturados a partir das relações de consanguinidade e de afinidade. De acordo com Batalha (1995), as relações de afinidade traduzem o parentesco estabelecido por grupos sociais distintos, através do casamento de um homem e uma mulher, sendo um de cada grupo. Já as relações consanguíneas são fundamentadas no princípio da filiação e agrupa pessoas que partilham o mesmo patrimônio genético. Os termos de parentesco da língua Parkatêjê possuem particularidades muito interessantes tanto do ponto de vista linguístico quanto do antropológico. Com base no trabalho de Araújo (1989), nota-se que alguns conceitos como “mãe” e “pai” apresentam termos especiais dependendo do ponto de vista social ou individual, como por exemplo, ãnxê ‘mãe de ego/mãe verdadeira’ e anã ‘mãe de outrem ou mãe de criação’. Há também na língua termos específicos para designar parentes que estão vivos e parentes mortos como é o caso em ãnxũ ‘pai vivo’ e kũmxwý ‘pai falecido’, por exemplo. A metodologia utilizada neste trabalho consiste na pesquisa bibliográfica de materiais a respeito de línguas indígenas, mais especificamente da família Timbira/tronco linguístico Macro-jê. Os dados da língua Parkatêjê utilizados são os do acervo de Ferreira.

Palavras – chave: parentesco; Parkatêjê; Línguas indígenas.

1. Introdução

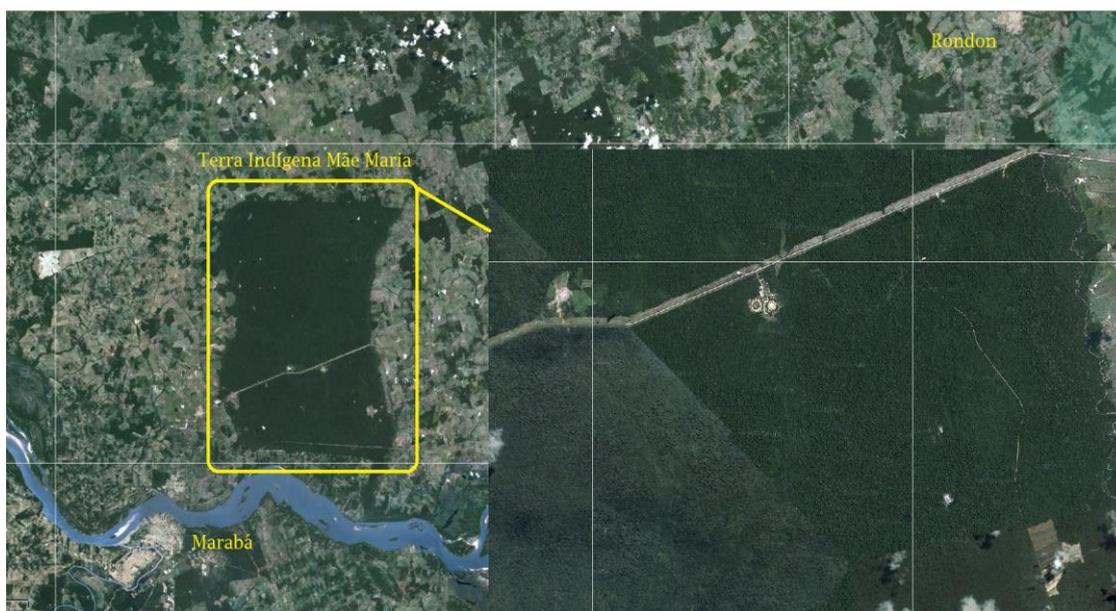
Este trabalho faz parte das atividades programadas no âmbito do projeto Operações de ajuste de valência em verbos da Língua Parkatêjê, CNPq / Processo 472101/2012-9 e tem como objetivo central neste momento apresentar os resultados preliminares da pesquisa que vem sendo realizada em relação aos termos de parentesco da língua Parkatêjê, que é falada no sudeste do estado do Pará.

Primeiramente faremos no presente artigo algumas considerações sobre o povo e da língua Parkatêjê, a fim de contextualizar o leitor a respeito dessa comunidade indígena, bem como abordaremos também a metodologia utilizada para a realização da pesquisa em questão. A partir daí, serão expostos, de maneira sucinta, conceitos base para um melhor entendimento dos sistemas de parentesco em línguas humanas para assim entrarmos especificamente no tema do parentesco em Parkatêjê.

2. Parkatêjê: Um povo, uma língua

O povo Parkatêjê – também conhecido na literatura especializada como Gavião do Pará – vive, atualmente, em uma aldeia na Reserva indígena Mãe Maria (RIMM), localizada no km 30 da BR-222, próxima ao município de Bom Jesus de Tocantins no sudeste do estado do Pará.

Imagem de satélite – Terra Indígena Mãe Maria



Fonte: maps.google.com.br

A aldeia dos Parkatêjê¹ também é chamada, por alguns deles, Kupejipôkti, cujo significado é terra “rodeada pelos não índios”, tal nome evidência a proximidade da aldeia em relação aos municípios circundantes. Segundo dados do posto de saúde da comunidade, a aldeia Parkatêjê é formada por cerca de 478 pessoas².

A situação sociolinguística da comunidade Parkatêjê reflete um histórico de sobrevivência na floresta, lutas internas, além de várias epidemias que quase culminaram na extinção desse povo. De acordo com Ferreira (2003), a única chance de sobrevivência desse grupo foi a aproximação definitiva em relação a ‘civilização’.

Em meados 1970 o povo Parkatêjê uniu-se a outros três grupos: os Akrâtikatêjê, os Kyikatêjê e os Rôhokatêjê, justamente com objetivo de fortalecer e resgatar a cultura desses povos que se encontravam devastados. O na época jovem líder Krôhokrenhum e hoje atual chefe do povo Parkatêjê foi o principal intermediador dessa união entre os povos, uma vez que estes grupos partilham de costumes, festas e língua bastante semelhantes.

A língua Parkatêjê é denominada do mesmo modo que sua comunidade e é considerada pertencente ao complexo dialetal Timbira, família Jê, tronco linguístico

¹ “os que se autodenominam Parkatêjê (Rôhokatêjê e Akrâtikatêjê), que constituíam a ‘turma’ de baixo (tendo como referência o rio Tocantins) ou grupo do 30 (assim chamado por estarem vivendo no quilômetro 30 da rodovia PA-70;” (FERREIRA, 2003, p. 21).

² Informação retirada de KRÔHÔKRENHUM JÔPAIPAIRE, 2011, p. 97.

Macro-jê. Também fazem parte do complexo dialetal Timbira línguas como o Krahô, Apaniêkra, Krenye, entre outras que apresentam aspectos bastante semelhantes entre si.

3. Material e métodos

A metodologia utilizada para a feitura do presente trabalho é aquela usualmente utilizada pela Linguística descritiva e se deu da seguinte maneira.

Primeiramente foi realizada pesquisa e leitura de materiais bibliográficos a respeito de línguas indígenas brasileiras, mais especificamente da família Timbira/tronco linguístico Macro-jê, linguística antropológica e linguística descritiva.

Alguns dos dados da língua Parkatêjê utilizados neste trabalhos foram retirados da tese de Araújo (1989), além de também utilizarmos dados coletados juntamente ao chefe Parkatêjê, Krôhokrenhum, e demais colaboradores pertencentes a comunidade Parkatêjê durante trabalho de campo realizados durante o período que compreende de 11/10/2013 à 21/10/2013.

Em seguida foram selecionados alguns dados de acordo com categorias de parentesco estabelecidas a fim de facilitar as observações.

4. Termos de parentesco em Parkatêjê: algumas considerações

É sabido que os sistemas de parentesco em línguas humanas de um modo geral são estabelecidos de acordo com dois princípios mentais básicos que existem universalmente. Este princípios são, segundo Batalha (1995), o da *afinidade* e o da *consanguinidade*.

Segundo o autor supracitado, o primeiro princípio, da afinidade, irá traduzir o parentesco estabelecido por grupos sociais distintos, através do casamento de um homem e uma mulher, sendo um de cada grupo, de forma que o casamento nesse caso não significa apenas a ligação entre duas pessoas de sexos diferentes, mas sobretudo a união dos grupos ao qual essas pessoas pertencem. Já o segundo princípio, chamado de consanguinidade ou filiação, irá traduzir uma relação consanguínea, no qual se agrupam pessoas que partilham o mesmo patrimônio genético, como por exemplo: pai, filho, avô, etc.

Partindo desses dois princípios podemos fazer algumas considerações acerca dos termos de parentesco da língua Parkatêjê, especificamente, de forma a demonstrar algumas de suas particularidades tanto do ponto de vista linguístico quanto do antropológico. Focaremos aqui nos chamados termos de referência que na maioria das vezes são também vocativos, lembrando que essa terminologia de parentesco é extremamente rica em sinônimos e nuances e o objetivo deste trabalho no momento não é exaurir a análise de todos os aspectos desses termos, e sim apresentar algumas questões interessantes percebidas preliminarmente.

Com base no trabalho de Araújo (1989) e nos dados coletados *in locus* podemos observar algumas particularidades dos termos de parentesco em Parkatêjê como veremos a seguir:

- Conceitos como “mãe” e “pai” apresentam termos especiais dependendo do ponto de vista social ou individual:
ĩnxê ‘mãe de ego / mãe verdadeira’
anã ‘mãe de outrem ou mãe de criação’

ĩnxũ ‘pai de ego / pai verdadeiro’
apam ‘pai de outrem ou pai de criação’

Esses exemplos nos mostram, como afirma Batalha (1995), que as relações de parentesco não devem ser confundidas com as relações biológicas, uma vez que o casamento pode estabelecer o parentesco entre uma criança e um ‘pai’ não geneticamente relacionado. Diante disso existem termos referentes ao ‘pai’ ou ‘mãe’ social e ao ‘pai’ ou ‘mãe’ biológicos.

- Há na língua termos específicos para designar parentes que estão vivos e parentes já mortos:

ĩnxũ ‘pai vivo’
kũmxwỳ ‘pai falecido’

akãnter ‘filho vivo’
ikra ‘filho falecido’

ĩnxê ‘mãe viva’
ityrxwỳ ‘mãe falecida’

ituwa ‘neto vivo’
itamxwỳ ‘neto falecido’

- Há termos especiais para indicar os parentes mais velhos:

kêtikã ‘tio mais velho’
anãkã ‘tia mais velha’

- Há termos para indicar parente solteiro e parente que já tenha filho:

akaxwỳi ‘filha sem filho’
ituwamẽxi / itwamẽhũm ‘filha que já tem filho/filha’

ixwyi ‘nora sem filho’
ituwamẽxi / itwamẽhũm ‘nora que já tem filho/filha’

- Sufixos –ti e –re

Os sufixos de tamanho –ti, grande e –re, pequeno, que conforme Araújo (1989), podem expressar tamanho físico quando aplicados aos termos de parentesco.

anãti ‘tia gorda’
anãre ‘tia magra’

5. Conclusão

Este trabalho apresentou algumas questões acerca dos termos de parentesco da língua indígena Parkatêjê. Vimos que as relações de parentesco são estabelecidas segundo dois princípios fundamentais: filiação e afinidade. Pudemos observar a existência de termos em Parkatêjê que, além de indicar a relação de parentesco, também fornecem informações mais específicas, como por exemplo, se o parente está vivo ou morto; ou se já tem filho ou não; etc.

Nas próximas etapas da pesquisa pretende-se organizar e transcrever dados coletados que ainda estão em áudio e vídeo, de forma a estabelecer cada categoria de parentesco com o intuito de realizar uma análise morfológica de tais termos, bem como aprofundar nas diversas particularidades dos mesmos.

Referências

- ARAÚJO, Leopoldina M. S. (1977). *Semântica gerativa da língua gavião-jê. Dissertação de mestrado inédita*. Florianópolis: UFSC.
- ARAÚJO, Leopoldina M. S. *Aspectos da língua gavião-jê*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989. (Tese de doutorado).
- EXPEDITO, Arnaud. *Notícia sobre os índios Gaviões de Oeste*. Boletim do Museu paraense Emílio Goeldi, 1964, 20: 1-35.
- FERRAZ, Iara. *Os Parkatêjê das matas do Tocantins*. São Paulo: USP, 1984. (Dissertação de mestrado).
- FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. *Estudo Morfossintático da Língua Parkatêjê*. Campinas: UNICAMP, 2003. (Tese de doutorado)
- FLORIDO, Marcelo. *As parentológicas Arawá e Arawak: um estudo sobre parentesco e aliança*. São Paulo: USP, 2008. (Dissertação de mestrado).
- MELATTI, Julio. *O sistema de parentesco dos índios Krahó*. Brasília: Série Antropologia, 1973.
- KRÔHÔKRENHUM JÕPAIPARE, Toprãmre. *Mëikwýtekjêri: Isto pertence ao meu povo*. Marabá, PA: GKNORONHA, 2011.
- SOUZA, Marcela. *O traço e o círculo: o conceito de parentesco entre os Jê e seus antropólogos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. (Tese de doutorado).